

CORPO E LIXO ENTRELAÇADOS: EXERCÍCIO DE LEITURA

Santinho Ferreira de Souza

Um golpe público, um impulso invasor, desenfreado, estonteante, surdo, o golpe da humilhação entranha o corpo. As cores e os traçados do tecido variam; os corpos se misturam e não são identificáveis. Ao abrigo da capa, uma tristeza e uma melancolia contidas, o silêncio da invisibilidade. Com esse recorte, busca-se um contraponto entre *Homens invisíveis*: relatos de uma humilhação social, de Fernando Braga da Costa, Editora Globo: “a invisibilidade pública, desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação.” e três músicas - *O lixeiro e a empregada* - Amado Batista, *O lixeiro e o doutor* - Irídio e Irineu, *O estudante e o lixeiro* - Duo Gla, e a poesia *Conversa com o lixeiro* – Carlos Drummond Andrade: *Amigo lixeiro, você não sabe que sua pá de lixo é essencial à segurança nacional?*, com o objetivo de reforçar a compreensão (contemporânea) de que a trajetória de constituição do ser humano só é possível por meio do corpo, levando em conta estudos com origem no pensamento de Michel Foucault fartamente publicizados. O corpo tem forma e força. A força advém de sua forma e de seu movimento. Ganha volume, à medida que se desloca como força intensiva. O corpo fala. Ganha poder e deixa de ser assujeitado ou se fragiliza e reforça seu assujeitamento. O lixeiro está neste segundo escopo. As músicas assim o cantam, a poesia desse modo o compõe, e *Homens invisíveis* não permite que o título se deixe trair. A partilha do sensível não se reorganiza com facilidade, levam-se anos para que os seres humanos se desloquem de suas margens, para que novos percursos se estabeleçam. O painel de controle, portanto, é sólido e secular.

Palavras-chave: corpo, poder, subjetivação, corpo-lixo, humilhação.